

"FRAGMENTOS DE UM DISCURSO AMOROSO..." EM MANUEL BANDEIRA OU A VIDA INTEIRA QUE PODERIA TER SIDO E QUE NÃO FOI

MARIA DE JESUS EVANGELISTA

(UnB)

"... na vida
Não fiz que amar."

Discurso está considerado aqui como a fala do **eu** que revela o sujeito de uma história de amor. Esse discurso não se restringe a determinados livros de Manuel Bandeira, mas se faz de poema a poema com passagem pelo **Itinerário de Pasárgada**, em tom confessional, ou mesmo com certo distanciamento de uma terceira pessoa; trata-se, portanto, de um macrodiscurso lírico. E para a sua apreensão, — que é antes de tudo uma sugestão para um trabalho mais desenvolvido — embora não haja o rigor do método, apossamo-nos da idéia desse discurso em Roland BARTHES. (**Fragments d'un discours amoureux...**, Paris, Editions du Seuil, 1977). Isso à parte, realizamos uma análise e comentário muito simples — orientado pela imanência do texto poético de Manuel Bandeira — muito vinculado à simples apreensão do real, ao poetizado do cotidiano, conscientemente apreendido pelo grandepoeta pernambucano, pois é essa a impressão que me transmitem os seus versos de amor. Versos sem grandes complicações psicológicas, sem trauma (embora este fosse exigido pelo poeta) ou angustiantes reflexões sobre o amor e as realidades que este sentimento implica.

Portanto, a lírica amorosa de Manuel Bandeira é aqui apre-

endida como um discurso pluridimensionado, estruturando o ser amante a partir da fragmentação existente, não apenas com essência, isto é, a de que todo indivíduo que ama é em si fragmentado em busca de sua complementariedade, mas também como contingência, existência condicionada a circunstâncias adversas, sobretudo de saúde.

Segue-se, então, o itinerário amoroso de Manuel Bandeira, desde **A Cinza das Horas** (1917) "— Esta pouca cinza fria..." (119), até a renúncia total desse sentimento maior presente em "Adeus, Amor" (335), poema de grande importância no que concerne aos temas do Amor, Vida, Morte na obra de Manuel Bandeira (lembrar aqui as "Louvações" e o **Mafuá do Malungo**, outra dimensão do dom e da oferta de emoções maiores que são as amizades):

*"Sei mais que posso ainda receber e dar carinhos e ternura.
Mas acho isso pouco, e exijo a iluminação, o inesperado,
O trauma, o magma... Adeus, Amor!"*

Poema em que Manuel Bandeira reitera uma vez mais o seu convívio com a Morte, de quem agora é vizinho:

*"... A vida inteira
Vivi em **tête-à-tête** com uma senhora magra, séria,
Da maior distinção".*

e com quem, finalmente, estabelece o diálogo último:

*"Ao teu dispor! Mas olha, vem,
Para a nossa entrevista última,
Pela mão da tua divina Senhora
- Nossa Senhora da Boa Morte". (336)*

O discurso amoroso de Manuel Bandeira começa, pois, como o próprio Manuel Bandeira mesmo declara, "por volta dos dez anos", coincidindo com o seu início na poesia lírico-amorosa:

"... enveredei pela lírica amorosa (estava, debaixo do maior segredo, apaixonado por uma moça amiga de minha irmã". (37)

Com esta confissão, Manuel Bandeira lembra a habilidade do avô, que, em versos, fazia a corte à avó do poeta. Esse fato, aliás,

faz parte do discurso amoroso de Manuel Bandeira, em **A Cinza das Horas**, com o poema "Cartas de meu Avô":

*"E eu bendigo, envergonhado,
Esse amor, avô do meu...
Do meu, - fruto sem cuidado
Que inda verde apodreceu". (129)*

em que se percebe bem a dupla dimensão do sujeito amante em que se transforma o eu lírico deste poema, que se faz na pura memória:

*"Depois o espinho do ciúme...
A dor... a visão da morte...
Mas, calmado o vento, o lume
Brilhou, mais puro e mais forte". (129)*

versos bem rimados, cuja pontuação consagra a maneira romântica, assim presente no lirismo de Bandeira, explicitando, de certa forma, o tema do Amor.

Há que se distinguir os vários tons desse Discurso que, conforme o conceito de Roland Barthes é "l'action de courir çà et là, ce sont des allées et venues, des "démarches", des "intrigues". O tom mais freqüente é aquele que se encontra expresso no verso: "A vida inteira que podia ter sido e que não foi" (206), isto é, de frustração, no entanto mascarada pelo humor ou solução irônica de que "A única coisa a fazer é tocar um tango argentino", verso cacofônico a expressar o prosaísmo absurdo da situação sem saída..

Esse **Dis-curso** Amoroso é, de um lirismo solto, leve e ligeiro, o lirismo dos "clowns" de Shakespeare; um lirismo que às vezes se esconde, ou então se mascara na ironia e na blague, ou parte, ainda, para o lirismo sem remédio dos "bêbados" e dos "loucos de Amor", tudo sem barreira e sem censura; integral e sem preconceitos; de remissão:

*"Santa Maria Egípcíaca despiu
O manto, e entregou ao barqueiro
A santidade de sua nudez". (182)*

e, portanto, lírico e humano a um só tempo, este entendido como a poetização do cotidiano; todos esses tons formando o **Dis-curso** da paixão do grande amoroso que foi Manuel Bandeira; ou

mesmo de frustração e de confusa superposição do amor do avô/ amor do neto, na quadra citada, este "apodrecendo" na "dor... visão da morte". Ou ainda o tom expresso no poema "Mancha" (127), em que o poeta descobre "que isso de amor/ No fundo é amargo e triste e dói mais do que tudo", ou que "A vida é amarga. O amor, um pobre gozo.../Hás de amar e sofrer incompreendido" (131), estado d'alma que se reitera na compreensão de "Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu". (194)

Esse discurso amoroso surge, de certa maneira, como forma de escamotear a morte iminente. A vida, sempre misteriosa e incompreensível do ser, busca o seu sentido do Amor, fuga desesperada, angustiante da Morte. Os três mitemas: Vida, Amor, Morte formam a lírica amorosa, as "histórias de Amor" em Manuel Bandeira:

"Meu verso é sangue. Volúpia ardente".

Isso é que estrutura o Dis-curso do Amor em Manuel Bandeira. Amor, mesmo fugacidade, por vezes desespero e, por isso mesmo, tentativa de deter o tempo, aprisionando-o na forma mais lúcida do "amor eterno enquanto dure" na vida desprovida de lances grandiosos.

Difícil é encontrar-se nessa "lírica bandeiriana" um poema que se afaste do tema da paixão. Que ela seja interiorização dos estados líricos sentimentais:

"Tenho êxtases de santo... Ânias para a virtude..." a frear "o divino apetite da vida" (138); seja a recuperação do passado mítico em que o Amor se fazia graça simbólica de quando "Era eu menino e tu menina" (138); seja ainda o Amor todo ternura, ou a erótica e crispada comunhão, espiritualizada n'"A maravilha" astral dessa nudez sem pejo..."

*"Tu não estás comigo em momentos escassos:
No pensamento meu, amor, tu vives nua
- Toda nua, pudica e bela, nos meus braços". (142)*

Amor-erotismo quase unção religiosa, porque espiritualizado - tão distante do erotismo decorrente do exarcebado dos sentidos, tão explorado na modernidade, porque mal compreendido. Existe, não há como negar, todo ritual de elevação no erotismo indissociado do Amor. Contudo, não se pode negar nesse discur-

so do Amor em Manuel Bandeira os fragmentos do erotismo, típico de poemas como "Vulgívaça" (161), exigência dos sentidos incontrolados na busca da satisfação:

*"Não posso crer que conceba
Do amor senão gozo físico!"*

voz feminina e revelar-se, próximo ao paroxismo da perversão, na exaltação dos sentidos, dos estados emocionais reiterados, com maior estilização e força lírica, em muitos outros poemas, entre os quais lembramos "A Fina, A Doce Ferida..." (165)

*"A Fina, a doce ferida
Que foi a dor do meu gozo
Deixou quebranto amoroso
Na cicatriz dolorida".*

cujo ritmo de inconfundível beleza da redondilha maior, da rima intercalada enlaçando amorosamente este **quebranto amoroso**, espiritualiza o erotismo do poema. Também em "Estrela da Manhã" (227) apresenta-se este querer sujar-se/purificar-se no Amor/sentidos, puxando para o lirismo-desvario dos "loucos" e dos "bêbedos":

*"Eu quero a estrela da manhã
.....
Pecai por todos pecai com todos
.....
Depois comigo
Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei terra e direi
[coisas de uma ternura tão simples
Que tu desfalecerás"*

*"Pura ou degredada até a última baizeira
Eu quero a estrela da manhã".*

No poema acima, observa-se a metáfora da mulher/estrela e a ausência de pontuação como característica desse "lirismo" não "comedido" dos "loucos" do Amor.

Observe-se ainda a bem sucedida espiritualização do erotismo, porque apenas se capta a sua idéia, no poema "Seio" (327)

*"O teu seio em minha mão
Tive uma vez, que vez aquela!
Sinto-o ainda, e ele é dentro dela
O seio-ideia de Platão".*

Ou mesmo em outro poema sobre a mulher/estrela, em que

"Vésper cai cheia de pudor na cama do poeta". ("A Estrela e o Anjo") (242) com este Anjo da Guarda e até o próprio Deus em convivência com o Amor dos homens.

Que não me cobrem o fragmento de "Vou-me Embora pra Pasárgada" dessa história de Amor que se faz na poesia de Manuel Bandeira. Outro é o tom dessa fuga elegíaca. Os desejos aí são expressos como a se projetarem para um futuro hipotético, sem a condição de apreender-se-lhes a realização.

Outro, é o tom de poemas como "O Impossível Carinho" (223), em que o poeta, mesmo na impossibilidade de retribuir **"tanta felicidade"** recebida, defronta-se com o ser amado num "diálogo" vivo e sentido:

*"Ah se em troca de tanta felicidade que me dás
Eu te pudesse repor
- Eu soubesse repor -
No coração despêdado
As mais puras alegrias de tua infância!"*

tom esse, aliás, reiterado noutro belo poema deste cingüentão que já então era Manuel Bandeira, "Pousa a Mão na Minha Testa" (p.253):

*"Não te doas do meu silêncio:
Estou cansado de todas as palavras.
Não sabes que te amo?
Pousa a mão na minha testa:
Captarás numa palpação inefável
O sentido da única palavra essencial
- Amor."*

Deixo de comentar "Cantar de Amor" (25) porque por si mesmo se explicita como fragmento desse **Dis-curso** amoroso.

Lembro, porém, o poema "Arte de Amar" (288) composição que perturba, de certa forma, e por isso mesmo torna-se de maior significação dentro do discurso do Amor em Manuel Bandeira, a linearidade dessa história lírico-amorosa. Como toda experiência de Amor a sua se faz, como diz Roland Barthes, de "allées et venues", de inseguranças, de inconstâncias; o amante ama desamando; confia desconfiando, e as atitudes mais paradoxais se manifestam. O poeta, então, com mais de sessenta anos, descobre que "A alma é que estraga o amor", e que "As almas são incomunicáveis", portanto é esta a sua **arte de amar**:

*"Deixa o teu corpo estender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não".*

Mais tarde ainda, também voltará a lembrar o amor insensato; "Antônia" (321) será, talvez o símbolo de todas as amadas (desse amor inconstante e inseguro), sobretudo porque reconhece, confessando:

*"Eu mesmo já não sou aquele que amou Antônia e que Antônia não
[amou].
Aliás, previno, muito humildemente, que isto não é crônica nem
[poema]."*

trata-se da Vida, realidade maior. E para concluir, o poeta, quase aos oitenta anos diz: "Que o que há de melhor no amor é a iluminância". E no "Soneto Sonhado" (330), decisivo fragmento dessa humana história de amor que é o Discurso Amoroso em Manuel Bandeira, diz ele:

*"Meu tudo, minha amada e minha amiga,
Eis, compendiada toda num soneto,
A minha profissão de fé e afeto,
Que à confissão, posto aos teus pés, me obriga.*

*O que n'alma guardei de muita antiga
Experiência foi pena e ansiar inquieto
Gosto pouco do amor ideal objeto
Só, e do amor só carnal não gosto miga".*

soneto que é em si a confissão da fidelidade amorosa

*"Não te prometo os estos, a alegria,
A assinação... mas em toda circunstância
Ser-te-ei sincero como a luz do dia". (331)*

Sentimentos e emoções reiteradas ou negadas no último grande poema lírico-amoroso desse Discurso da paixão segundo Manuel Bandeira, que é o já citado "Adeus, Amor". (335)

Assim, através dessas suas histórias de Amor, Manuel Bandeira, o sensual poeta lírico, de forte lirismo amoroso, defronta-se a um só tempo com o Amor, a Morte e a Solidão. No fundo estará sempre só e triste, com a consciência de que da solidão — tão plangente em poemas como "Chambre Vide" (207)

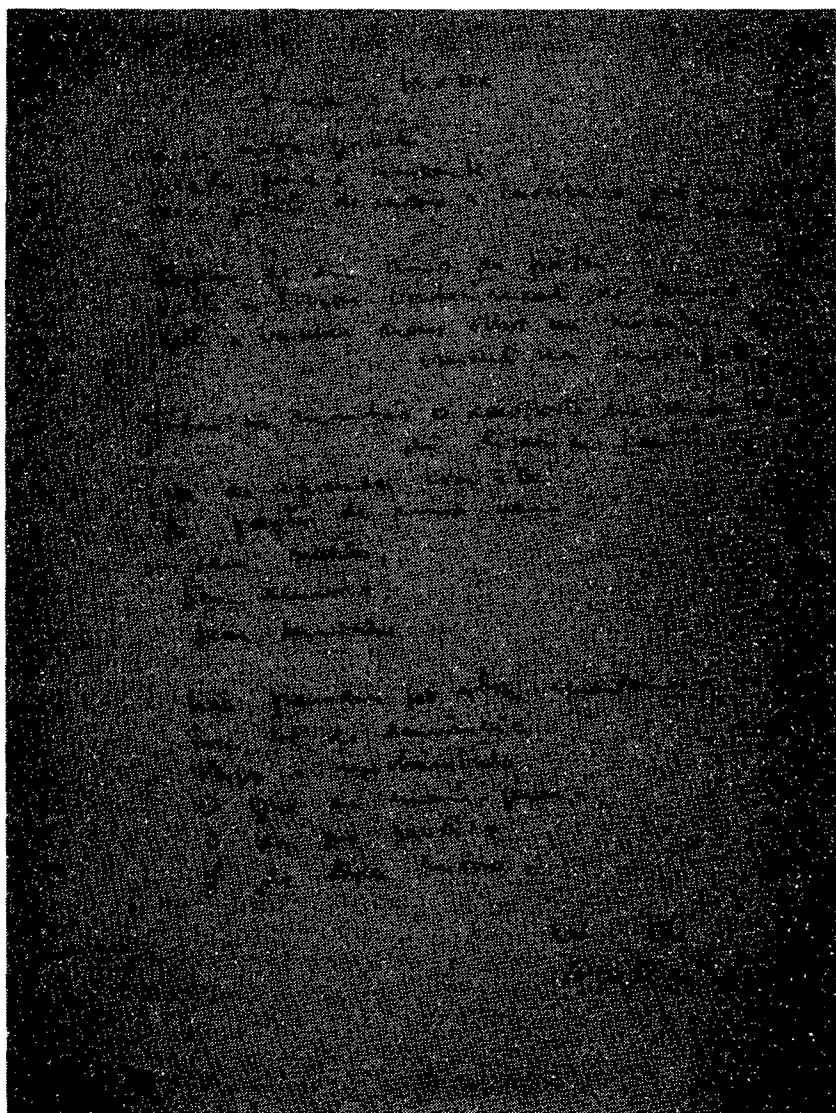
*"Petit chat frère du silence
Reste à mes côtés
Cor il faut que je sente la vie auprès de moi
Et c'est toi qui fais que la chambre n'est pas vide".*

brotará o sentimento de resignação, ou mesmo de calculada espera. Isso se revela ao longo dessa história de Amor que é o Discurso da paixão no nosso poeta modernista e "contemporâneo", o triste que deseja parecer alegre, como se fosse o Amor, em muitos aspectos, uma forma de evasão da vida "besta", ou escamoteio da morte anunciada na doença crônica deste enamorado da Vida.

Concluindo, pois, pode-se dizer que todo o Discurso Amoroso em Manuel Bandeira se faz na consciência de que a Solidão existe e terá de ser vencida, bem como a fugacidade do Amor — "o mau fado é tão normal quanto o bom, e tem de ser" — seja pela ironia — cantando "um tango argentino"; seja na apreensão da simplicidade do amor lírico, e um tanto fetichista da "estatuazinha de Gesso" (Os meus olhos de tanto a olharem,/ Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico)". (193); seja do amor menino de "Porquinho-da-Índia" (208) seja, enfim, pelo entregar-se ao amor desvario das prostitutas, dos clowns, ou dos bêbedos, ou ainda, mais carinhosamente expresso, na profunda dedicação ao **outro**, objeto determinado da afeição de dar-se em amizade, do extraordinário livro **Mafuá do Malungo** e das brasileiríssimas "Louvações".

Nota: Todas as citações da obra são de:

Manuel Bandeira: **Poesia completa e prosa**.



Autógrafo do poema **Lua Nova**